

OFICINA TEATRAL COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA CONSCIENTIZAÇÃO DA INCLUSÃO EM SALA DE AULA

Bianca Leandro Santiago ¹
Danilo Dias Nardelli ²
Suzete Araújo de Oliveira Gomes ³

RESUMO:

Desenvolver atividades com pessoas com deficiência intelectual (DI), autismo (TEA), e doença mental é um grande desafio para os docentes. Diante disso, o uso de metodologias ativas, como oficinas, na realização das atividades escolares traz para dentro da sala de aula o desenvolvimento da criatividade, a discussão sobre diversos temas, além do trabalho em equipe entre os membros participantes. O presente estudo consiste na investigação do comportamento e da interação de discentes do ensino regular – 9º da escola CEI Vieira da Silva com os discentes do CEMAE – Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado a partir da realização de uma oficina teatral. A metodologia foi a pesquisa-ação com abordagem qualitativa incluindo entrevistas e análise de relatos, onde os docentes da turma envolveram os discentes em discussões sobre inclusão e sobre a importância de compreender e saber respeitar a diversidade, envolvendo o seguinte questionamento: o que vocês sabem e como se sentem interagindo com pessoas com deficiência (s)? Como resultados obtidos através dos depoimentos, após a realização da oficina, observamos uma aprendizagem significativa a partir da construção de conhecimentos, além de empatia e respeito dos discentes do 9º ano para com os discentes do CEMAE. Concluímos que a oficina teatral pode ser aplicada como estratégia didática inclusiva para conscientização e respeito às diferenças.

Palavras – chave: Oficina, inclusão, pessoas com deficiência, interdisciplinaridade, oficina teatral.

1 – INTRODUÇÃO

A conscientização sobre diversidade e inclusão deve acontecer em todos os espaços educacionais. Diante deste princípio com o objetivo de construir uma cultura inclusiva, desenvolvemos uma oficina teatral interdisciplinar com discentes do ensino regular – 9º ano afim de esclarecimentos e conscientização sobre deficiência intelectual (DI), Autismo (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção (TDHA) e doença mental, utilizando jogos e exercícios

¹ Mestranda do curso Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense - UFF, santiagobianca@uff.br;

² Mestre em Ensino das Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), ator e arte educador, dan.nilonardelli@gmail.com;

³ Doutora em Biologia Parasitária pela Fundação Oswaldo Cruz e Docente do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) da Universidade Federal Fluminense – UFF, suzetearaujo@id.uff.br.

teatrais inspirados no Teatro do Oprimido, e o resultado foram discentes mais conscientes, empáticos e livres para expressarem com liberdade suas emoções.

2 - METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

2.1 LOCAL DA PESQUISA E PARTICIPANTES

A pesquisa foi desenvolvida no Centro de Educação Infantil Saturnina de Carvalho e Vieira da Silva localizado no bairro Centro, do município de Barra Mansa, estado do Rio de Janeiro. Esta escola foi utilizada como local para aplicação da oficina para alunos do ensino regular – 9º ano e alunos do Centro Municipal De Atendimento Educacional Especializado (CEMAE), do mesmo município.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação (FRANCO, 2005), com abordagem qualitativa a partir da avaliação do comportamento e falas dos participantes da pesquisa. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas informais.

3 – ABORDAGEM TEÓRICA E OFICINA

Foi realizada a pesquisa literária nas bases de dados como Google Acadêmico, SCIELO e Periódicos da CAPES tendo como palavras-chave: deficiência intelectual, inclusão, oficina inclusiva, pessoas com deficiência, discentes. Dentro da abordagem teórica de acordo com os referenciais específicos, a oficina foi estruturada. Diante disso, realizamos uma oficina teatral inclusiva desenvolvida por dois docentes dessa escola. Essa oficina foi aproveitada como nota bimestral interdisciplinar entre as disciplinas Empreendedorismo e Artecultura com foco na inclusão.

2.4 – ESTRUTURAÇÃO DA OFICINA

2.4.1 – DISCIPLINA ARTECULTURA

Como abordagem para a oficina foi escolhido a linguagem dos jogos teatrais para as turmas de 9º ano do ensino fundamental regular. Foi proposto realizar uma aula de teatro, com jogos e exercícios de teatro-imagem, do arcabouço de técnicas do Teatro do Oprimido misturando os alunos do 9º ano com os do CEMAIE; foi conversado a ideia para a turma que logo aceitaram realizar a experiência, e juntos selecionaram dentre os jogos e exercícios que fizeram, quais seriam aplicados com a presença do CEMAIE. Foi conversado como cada um

poderia colaborar para superarmos juntos as dificuldades apresentadas pelas pessoas com deficiência. No dia da experiência, dividimos a turma do 9º em dois grupos, cada grupo realizou as atividades com um grupo do CEMAE; tivemos duas sessões de trabalho de 50 minutos onde realizamos a sequência de atividades planejadas.

Os alunos do 9º colaboraram com a aplicação das atividades e se empenharam em ajudar as pessoas com deficiência assim necessário. No final, os alunos do CEI escreveram um pequeno relato de como foi a experiência da aula.

2.4.2 – DISCIPLINA EMPREENDEDORISMO

Foi trabalhado em sala de aula com os discentes do 9º do ensino regular os conceitos sobre deficiência intelectual (DI), transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção (TDHA) e doença mental, respeito, empatia a partir de referenciais teóricos sobre os temas. Na oficina, além de auxiliar o docente de artecultura na organização da atividade com todos os discentes, registrou-se toda a atividade para posterior divulgação e escrita da oficina.

3 - REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil vem se discutindo a interdisciplinaridade desde do final da década de 60, e um dos pioneiros foi Japiassú (1976), que falava em uma interdisciplinaridade não somente no ambiente escolar, mas num contexto de vida e no próprio conhecimento para lidar com o outro.

Um dos principais focos da interdisciplinaridade é trabalhar com diversas disciplinas sem fragmentá-las, isolá-las. Exemplificando eu leciono matemática, descubro que o docente de geometria da escola entrará com figuras geométricas e o docente de Empreendedorismo falará sobre o conceito de lucro ou prejuízo. Por que não fazemos uma prática que envolva as três disciplinas e no final da atividade interdisciplinar, concomitar com uma grande feira de negócios na própria unidade escolar?

Segundo Carvalho et al., atualmente com tantas mudanças culturais, tecnológicas e até de mundo, é preciso que mudemos também o nosso jeito de lecionar, trazendo em nossas práticas educacionais novas atitudes e metodologias que incetivem o alunado a construir e interagir com o mundo em que está inserido.

A interdisciplinaridade é considerada uma inter-relação e interação das disciplinas a fim de atingir um objetivo comum. Nesse caso, ocorre uma



unificação conceitual dos métodos e estruturas em que as potencialidades das disciplinas são exploradas e ampliadas. Estabelece-se uma interdependência entre as disciplinas, busca-se o diálogo com outras formas de conhecimento e com outras metodologias, com objetivo de construir um novo conhecimento. Dessa maneira a interdisciplinaridade se apresenta como resposta à diversidade, à complexidade e à dinâmica do mundo atual (Vilela et al., 2003, p. 529, apud Carvalho et al., 2022).

3.1 - EMPREENDEDORISMO

Em nosso país ainda somos incentivados para estudar e ser aprovado em um concurso público. E muitas famílias e escolas inibem que seus jovens sejam empreendedores (DOLABELA, 2015), algumas raras exceções familiares incentivam seus jovens a empreender. O empreendedorismo nas escolas traz não só conhecimentos sobre empresas e negócios, traz para crianças e jovens a oportunidade de exercitar a criatividade, a resolução de problemas, o planejamento de sua vida e a iniciativa para que sejam protagonistas da sua própria história. Com a nova base comum curricular (BNCC,2017), dentro dos itinerários formativos e eixos estruturantes o empreendedorismo estará mais presente dentro das salas de aulas do Brasil. Algumas escolas já oferecem essa temática como é o caso do Centro de Educação Infantil Saturnina de Carvalho e Vieira da Silva, através de oficinas compartilhando muito conteúdo e atividades práticas para os seus discentes.

3.2 – ARTECULTURA

Através das artes o ser humano é capaz de desenvolver várias aprendizagens como: o trabalho em equipe, a criatividade, empatia, as emoções e a respeitar as diversidades, e dentro das artes o teatro uma das atividades mais antigas da humanidade proporciona além do que foi mencionado a capacidade de diversas reflexões da realidade.

O teatro capacita o indivíduo como também possibilita a transformação de percepção da deficiência na própria comunidade, proporciona linguagens, interpretações e reflexões diversificadas da realidade originando novos significados indo além de uma abordagem meramente científica. (ROCHA, 2020, p.33)

O dramaturgo Augusto Boal (2014) cria o Teatro do Oprimido inspirado na pedagogia de Paulo Freire, quem lutou pelo fim da educação bancária e da transformação social por meio da

educação calcado no processo dialógico, na conscientização, buscando a superação da dicotomia opressores x oprimidos. Freire via o aluno como ser histórico e social. Para o pedagogo, o processo educacional era a chave de sua emancipação e transformação da realidade. Portanto a metodologia do Teatro do Oprimido alia teatro e ação social. Utiliza-se de jogos e exercícios que promovem a “desmecanização”, isto é, a libertação das amarras opressoras para os indivíduos atuarem com liberdade, e se percebam como seres estéticos, produtores de cultura e conhecimento. As técnicas do T.O. levantam questões de cunho político, problemas do cotidiano e inquietações dos participantes, promovendo o diálogo e a troca de experiências. Neste sentido, Boal via a arte como grande ferramenta estética para luta social, como também de ampliação da capacidade de leitura de mundo e de meios de intervir sobre ele.

3.3 – OFICINA – UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

O uso de oficinas na realização das atividades escolares traz para dentro da sala de aula o desenvolvimento da criatividade, além da discussão sobre diversos temas e o trabalho em equipe entre os membros participantes. Para Paviani et al (2009), Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. A docente planejou a atividade já pensando nesse formato que traria muitos benefícios para os alunos do CEI Vieira da Silva– 9º ano e do CEMAE.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo consiste na investigação e conscientização de alunos do ensino regular – 9º da escola CEI Vieira da Silva sobre a inclusão a partir da realização de uma oficina teatral inclusiva. A oficina foi composta por temas como deficiência intelectual (DI), transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção (TDHA) e doença mental, a partir de referenciais teóricos sobre os temas.

Os docentes da turma do ensino regular envolveram os discentes numa discussão sobre inclusão, sobre a importância de saber sobre e respeitar a diversidade, envolvendo os seguintes questionamentos: O que vocês sabem sobre o assunto e como se sentem interagindo com pessoas com deficiência?

Corroborando com Neto (2020), no teatro educação não é a capacidade técnica ou artística do alunado que é apreciado, e sim sua capacidade criativa, autoconhecimento e da capacitação individual para a criação e apreciação do belo. O que importa nessa metodologia é o desenvolvimento e socialização do indivíduo dentro do contexto apresentado, e na oficina

teatral inclusiva a socialização, desenvolvimento interpessoal e cultura inclusiva dos alunos foi o objetivo proposto desde o início.

A turma do 9º ano do ensino regular escreveram o que eles sentiram ao participar da atividade com os alunos do CEMAE. A partir das entrevistas informais, da avaliação do comportamento e falas dos participantes da pesquisa, obtivemos os seguintes resultados:

N, turma 902: “Gostei muito, foi uma experiência boa, por mais vezes assim. Até chorei por eles terem ficado felizes, fiquei feliz com a felicidade deles. Nunca me imaginei dessa forma, gostei muito, mais muito mesmo!”

JF, turma 902: “Na parte do CEMAE eu confesso que estava com medo, pois nunca fiz isso na minha vida. Porque não sei cuidar nem de mim, quem dera cuidar de outras pessoas. Mas de verdade, gostaria ter isso mais vezes. Muito obrigado pela oportunidade.”

AS, turma 902: “A aula foi produtiva, eu gostei muito, eu amei ver o sorriso e o brilho no olhar de cada uma pessoa que vi naquela aula, o meu dia melhorou muito. Eu gostei muito! Eu achei que poderia ter mais aulas assim porque muda o dia tanto das outras pessoas, quanto o nosso; poderia ter mais aulas como essa para mudar a cabeça das outras pessoas.”

Os jogos foram muito bem recebidos pelos usuários do CEMAE, que visivelmente se divertiram e puderam expressar com liberdade e em interação com outras pessoas.

Figura 1 – Discentes do ensino regular e do CEMAE realizando atividades na oficina teatral



Fonte: Arquivo pessoal – 21/03/2023

Figura 2 - Discentes do ensino regular e do CEMAE realizando atividades na oficina teatral



Fonte: Arquivo pessoal – 21/03/2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da oficina com as turmas envolvidas e resultados obtidos através de depoimentos, observamos um amadurecimento dos discentes do 9º ano, uma consciência de empatia, respeito com os discentes do CEMAE e a aprendizagem dos conceitos disseminados pelos docentes. Acreditamos que a temática Inclusão, precisa ser trabalhada em todos os níveis da vida escolar do alunado, que os docentes estejam preparados para compartilhar não somente conteúdos de sua ementa, mas conteúdos que sejam para a vida como respeito, empatia e trabalho em equipe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos alunos do CEMAE – Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado, por darem a oportunidade aos nossos discentes para aprender na prática sobre a inclusão.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. Editora: Cosac Naify, 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 13 de agosto de 2023.

CARVALHO et al., Interdisciplinaridade e deficiência intelectual na educação especial: uma revisão sistemática integrativa. Research, Society and Development, v. 11, n. 3, e48111326687, 2022, p.8-9, 2022. Disponível em [file:///C:/Users/santi/OneDrive/UFF/RSD%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/santi/OneDrive/UFF/RSD%20(1).pdf). Acesso em 01 de março de 2023.

CARVALHO et al., Interdisciplinaridade e deficiência intelectual na educação especial: uma revisão sistemática integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, e48111326687, 2022 p. 3 apud Vilela et al., p. 529, 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/santi/OneDrive/UFF/RSD%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/santi/OneDrive/UFF/RSD%20(1).pdf). Acesso em 01 de março de 2023.

DOLABELA, Fernando. *Por dentro do universo empreendedor – Lições essenciais para transformar sua ideia em negócio*. Editora Saraiva, 2015, p.4-5.

FRANCO, Mária Amélia Santoro. *Pedagogia da pesquisa-ação*, Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, setembro/dezembro. 2005. Disponível em [SciELO - Brasil - Pedagogia da pesquisa-ação Pedagogia da pesquisa-ação](#). Acesso em 03 de abril de 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Editora: Paz e Terra, 2013.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e a patologia do saber*, Imago Editora, 1976.

NETO, Franklin José Carneiro. *Oficina Inclusiva de Teatro Educação – Para alunos com deficiência visual do ensino médio*. São Luís - MA, p.39, UFMA, 2020. (Dissertação de Mestrado).

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli et al. *Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência*. *Caxias do Sul*, v.14, n.2, p.78, maio/agosto.2009. Disponível em <file:///C:/Users/santi/Downloads/16-60-1-PB.pdf> . Acesso em 07/06/2023.

ROCHA, José Henrique. *O teatro na vida de pessoas com deficiência – Que sentidos?* Porto – Portugal, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2020, p.33. (Dissertação de mestrado).